

# o homem bala

jorge rocha | alex gamela



veneno

# introdução

Pensada para ser o primeiro volume do Veneno e publicada com mais de um ano de atraso, esta é uma edição dupla, com a participação de Jorge Rocha e Alex Gamela, que contam duas histórias sobre o mesmo personagem base: um homem-bala.

Dois estilos diferentes - um microconto e outro num formato mais tradicional - mas com alguns pontos em comum, por dois escritores dos dois lados do Atlântico. É também uma oportunidade de comparar a língua portuguesa e suas variantes em ritmos e cores de diferentes pátrias.

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)



**veneno**

2014

# jorge rocha

Jorge Rocha é jornalista, professor universitário e escritor. Publicou os ebooks *Murder Ballads* e *Usina Elevatória de Traição* pela MojoBooks, além do impresso [\*Tem uma nuvem que nunca sai do lugar\*](#), pela Bartlebee. Está prestes a lançar o ebook *Vórtex Você*, pela Z edições.

# a passagem do homem bala

As luzes do picadeiro e a respiração suspensa da platéia não são mais para o homem enfiado dentro de um canhão multicolorido. A falha da explosão que o alçaria aos ares foi a última gota d'água para comprovar sua misantropia de cabaré punk. O olhar da platéia diante da falha e as vozes silenciadas no picadeiro: há quem diga haver fumaça em torno do corpo do Homem-Bala. Enquanto ele é retirado do canhão pelos palhaços e levado para uma das carroças atrás da grande lona, percebe-se um tremor em seu bigode fino. No dia seguinte, os jornais locais estamparão a manchete: sem bala na agulha. Tanto tempo de dedicação ao seu ofício e agora isso. O ribombar era mais potente em outros tempos – ele sabe –, quando ainda sentia-se compelido, sob aplausos da platéia, a erguer-se da rede de proteção e pular de braços abertos, depois de ter atravessado o alvo de papelão. Sua ingenuidade ainda não era paciente terminal naquelas ocasiões. Em um tempo em que tudo muda rapidamente, o Homem-Bala, ícone de lampejos e travessias – vejam só ... – acreditava-se algo duradouro. A plateia daquela noite, em um ato de generosidade ainda incompreensível, pois é toda formada por canibais anfetamínicos, não pediu o dinheiro do ingresso de volta. Para ela bastaram os palhaços, os leões amestrados, os elefantes com disenteria e as focas que trabalham por peixes. Sem saber-se o último dos mitos, uma vez que a Monga, a Mulher-Gorila já havia sido relegada meramente à alusões de terror infantil da década de 80, ele acata a transitoriedade que sempre lhe compôs. Daquilo que são feitos os sonhos uma pinoia! E agora, enquanto troca o capacete prateado e pontudo por um autêntico Fedora e penteia o bigode fino diante do espelho, o Homem-Bala observa a passagem de ônibus refestelada no criado-mudo. Ele antevê cada momento da viagem que o levará para Alentejo, onde as pessoas têm coração steampunk.

Jorge Rocha  
Ago/2012

# **alex gamela**

Alex Gamela tem escrito muitas coisas, e editado poucas. Este conto é um exercício, por isso, não liguem se se virem as costuras.

# o homem bala

Um cão invisível mastigava-lhe o ombro e, quando respirava, sentia a mancha escura que lhe crescia no peito. Não tinha nada partido, mas não estava inteiro.

A sessão da noite estava a meia casa, com alguns pequenos grupos dispersos pelas bancadas, quase em silêncio, para não incomodar a outra metade vazia. Nas filas junto à pista, mães com os filhos ao colo agoniavam-se com o cheiro da urina misturada na serradura. O sono colava as mãos aos olhos das crianças, pegajosas de ranho e de algodão doce. O entusiasmo ficara domado depois de verem as órbitas foscas dos animais, que deambulavam para fora do alcance do estalar cruel do chicote. O mágico não conseguira esconder os truques todos e a pintura dos palhaços tinha falhas. Era o fim da temporada, e tudo estava decadente, sujo e a precisar de manutenção. Depois desta noite poderiam guardar a ilusão numa caixa durante uns meses. Depois desta noite ele poderia partir.

Alguns metros acima da arena, os trapezistas executavam a sua dança aérea. Eram graça, pose e risco calculados, a vida de um entregue às mãos do outro, sem reservas, sem hesitações, em revoluções e piruetas sobre a rede que lhes amparava qualquer gesto em falso. Ele não tinha nada disso. Ninguém lhe segurava a mão no final da parábola desenhada com o corpo de um lado ao outro da tenda, com uma meia cambalhota para aterrar de costas na rede reforçada, um procedimento que passava por estilo. Não havia um ponto pré-estabelecido em pleno ar onde o olhar de alguém dizia "Estou aqui", e não o deixava cair. Esse era o seu trabalho, cair. Mas os cartazes anunciavam essa queda como voo.

Ela estava de cabeça para baixo, com as pernas dobradas na barra do trapézio, num abandono que mantinha os homens da audiência presos ao seu movimento pendular. O corpo dela pairava quase ao alcance da mão há demasiado tempo, numa espécie de exibicionismo sobre a multidão de pescoços erguidos num ângulo impossível. Ele conhecia o movimento seguinte: viu-a ganhar velocidade suficiente para se lançar em direcção ao outro trapézio vazio, temporizado na perfeição para a encontrar a meio caminho, que capturou no ponto final do sublinhado da tarola. As pernas dela destacavam-se, abertas e apontadas ao tecto da tenda no ponto mais alto da sua translação, num

último balanço para o grande final. Lançou-se de braços abertos em salto mortal, ao mesmo tempo que o seu parceiro sincronizava a sua trajetória com a dela. O tempo era um elástico prestes a partir-se. Nas bancadas, o público empoleirava-se no limiar da tensão, em antecipação e receio. A música parou. Ela parecia flutuar, a sua expressão era de concentração e entrega. Vivia só para aquele momento, exposta, inacessível no centro das atenções de todos. Estendeu as mãos para as mãos do parceiro, que só agarrou uma, fazendo-a descair bruscamente para o lado que a mantinha presa ao pêndulo humano. A plateia soltou exclamações e gritos com a perspectiva do desastre, mas aplaudiu quando ela retomou as mãos dele e subiu para plataforma no alto da tenda, a executar os gestos de saudação tradicionais. A perna dela, avançada em apoio no bico do pé, era uma oferta que não se podia recusar, e tremia. O trapezista apertava-a com um braço em volta da cintura e acenava com o outro. O trapezista tinha um sorriso de plástico que não combinava com os olhos, e que pareceu ainda mais rígido quando olhou na direção dele.

O homem-bala escondeu-se por detrás do canhão. O mestre de cerimónias anunciava, no seu tom permanente de exclamação:

-O desafiador da Morte, o único, o incrível, o fantástico:

Rrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrriiiiiiiiiiiiiiiiiickyyyyyyyyy

Troooooooooooooooooooooooooovããããoooooooooooooooooooo

Era um nome idiota, até para um artista de circo mas, para o patrão, ficava bem no cartaz, em letras grandes sublinhadas por "O Homem Bala".

Uma pontada nas costelas fê-lo cuspir sangue. Tinha sustido o fôlego tempo demais.

Na manhã do dia do acidente ele acordou cedo. As nuvens acumulavam-se por cima da aldeia improvisada de rolotes, dispostas em relação à tenda como o casario em volta de uma igreja. Estava um silêncio de pó, acumulado ao longo dos dias e dos quilómetros, fixo em todos os gestos, entranhado na respiração. Os filhos do malabarista estavam escondidos atrás de um atrelado, a espiar os miúdos da cidade que tinham vindo ver os animais do circo. Aproximou-se, felino, e assustou-os. Os filhos do malabarista reagiram num esforço inglório para o tentar derrubar. Os risos espalhavam-se pela aldeia vazia enquanto os agarrava por debaixo dos braços e rodava, numa espécie de sirene cómica.

- Já chega, vocês estão demasiado pesados.

As presas lamentaram a sua liberdade reencontrada e o fim do perigo. Agacharam-se atrás do atrelado. Os miúdos da cidade admiravam as feras, ainda em jejum, a dar os três passos possíveis para cada lado da sua jaula. Só tinham visto tigres e leões nos livros e na televisão. Estavam fascinados por estas criaturas fantásticas, hipnotizados pelo seu movimento, pela textura do pêlo, pela fragilidade das grades. Os filhos do malabarista tinham pelos outros o mesmo fascínio. Eram parecidos com eles mas, ao mesmo tempo, diferentes.

Ele saiu devagar do esconderijo, numa mímica de pé ante pé, em pulos espaçados, a aterrar com mais força a cada salto. As crianças correram atrás dele, até o apanharem entre os camiões que delimitavam a fronteira da sua povoação. Só o libertaram quando prometeu que lhes trazia qualquer coisa da cidade.

- Cigarros ou chocolates?

- Chocolates - gritaram em uníssono, a mostrar os espaços vazios deixados pelos dentes de leite.

A carrinha pegou à primeira, o que era raro. Os filhos do malabarista imitavam os barulhos do motor a pegar e a engasgar-se, com as mãos num volante invisível que dirigiram de volta para o meio dos atrelados e dos camiões. Era um veículo velho, das primeiras temporadas, que não via um mecânico há anos. A ferrugem abria frestas no tejadilho, a quarta só engatava com violência, pelo que toda a gente a guiava em terceira, num ronronar esforçado durante quilómetros. Baixou o vidro até meio, que era até onde dava para abrir. Era o carro de serviço da comunidade, para ir às compras, colar cartazes e anunciar a chegada do circo de altifalantes no máximo, com a descrição das atrações feita ao microfone sobre uma música roufenha. Tinha servido de ambulância em vários acidentes e um parto. Só tinha bancos da frente e, na cabine, havia apenas alguns cartazes antigos a rolar livres pelo chão e uma lona, que servia de avançado nas portas traseiras para se protegerem da chuva ou do sol. A lona que lhes servia de cama. Da primeira vez que esteve com ela, ficou com nódoas negras por causa do chão irregular da cabine. Ela teve remorsos e disse que deviam arranjar uma alternativa mais confortável e menos dolorosa, enquanto lhe carregava nos pontos mais doridos com a ponta do dedo. Nunca o fizeram.

Ele gostava da velha carrinha. Ainda se podiam ver nos painéis laterais as letras desbotadas do nome do circo, tão ténues como se já não se lembrasse a onde pertencia. Aprendeu a conduzir nela assim



que teve tamanho suficiente para chegar aos pedais. Começou mais tarde, porque era o mais baixo de todos, apesar de ser um dos mais velhos. Mas era o único a conseguir a meter a quarta sem ser à bruta. Começou a chover com força quando entrou na cidade. O pára-brisas mostrava um mundo de formas fluídas onde deveriam estar arestas, uma ilusão de degelo de edifícios, postes, árvores, que escorriam para o rio escuro de alcatrão. De tempos a tempos, as escovas restauravam a nitidez, para logo tudo voltar ao astigmatismo inicial. A chuva entrava pela janela meio aberta e tentou fechá-la. Os pingos estilhaçavam-se na borda do vidro, que se recusava a subir. Um vulto atravessou-se à frente da carrinha e ele travou a fundo até os pneus recuperarem a aderência num ranger lento e pararem num solavanco. A sombra escura na liquidez do vidro transformou-se quando as escovas passaram, e ela apareceu recortada, perfeita, contra a cortina de chuva. A trapezista aproximou-se do lado direito da carrinha:

- Despacha-te, estou a apanhar uma molha.

A porta do passageiro só abria por dentro. A do motorista, só por fora, o que obrigava a exercícios de contorcionismo ou saídas pelo lado oposto ao da entrada original. Esticou o braço para o trinco e ela entrou, a sacudir o cabelo para fora do capuz. As pernas nuas surgiram por debaixo do impermeável, que subia até às coxas, sem mostrar calções ou saia. Ouviam-se buzinas em volta. Ele mostrou um braço pela janela que continuava por fechar, num gesto de desculpas ou impaciência e arrancou. Ela disse:

-Demoraste.

Ele navegava por entre o engarrafamento que se formou com o dilúvio, à procura de um sítio para parar. Ela estava sentada de lado, como fazia no trapézio, os joelhos apontados para ele, a brilhar ainda da película fina de água que a pele ia absorvendo. Não tinha posto o cinto de segurança, que não parecia importante para quem passava a vida em acrobacias sete metros acima do chão. Ninguém no circo o usava em viagens curtas, numa afirmação tosca de liberdade pessoal. A cidade deslizava pela janela atrás dela, a chuva continuava a bater na carcaça ferrugenta da carrinha e formava pequenos lagos invertidos no tecto, que ameaçavam desfazer-se em pingos grossos sobre eles.

Acelerou pelo lado de fora da fila de carros parados e meteu-se no cruzamento, desta vez ignorando a desarmonia débil das buzinas. Encontrou uma bomba de gasolina fechada e estacionou por detrás da loja, onde ninguém os podia ver da estrada. Apoiou-se no volante.

Uma bola de angústia crescia dentro do homem-bala, como da primeira vez que se enfiou na boca negra do canhão. Era a antecipação do disparo, do ímpeto do voo, a incerteza da aterragem. Disse:

- Ele sabe.

Ela ajeitou o cabelo, sempre desalinhado, menos quando actuava e a personagem exigia outro aprumo.

- Ele não vai fazer nada, não está no feitio dele.

Respirou fundo. A bola não esvaziava e alterou-lhe a voz.

- A ti, duvido. Ele não vai ficar a baloiçar sozinho por cima dos palhaços. Mas se me acontecer alguma coisa, até passam a ser cabeça de cartaz.

- Ricky, tens que saber esperar.

Não se pode esperar em pleno voo por ninguém. Cada um tinha o seu momento de estar rodeado pelo vazio, mas ela tinha um parceiro para a agarrar e dar-lhe balanço para mais uma pirueta sobre o público, que assistia à sua coreografia de afectos. Apresentava-lhes o amor como uma acrobacia, um acto de fé no outro, mãos que se seguram na iminência da queda. Para ele, existia apenas a esperança de aterrar na segurança da rede.

- Estou cansado de ser um tigre numa jaula, a andar de um lado para o outro sem ir para lado nenhum.

Ela riu-se em pequenas notas agudas que lhe faziam cócegas em todo o corpo.

- Deves ser o primeiro miúdo que quer fugir do circo em vez de fugir com ele.

Ele não era um miúdo, era um homem que ganhava a vida a ser disparado a partir de um canhão falso.

A bola esvaziara-se um pouco. Pegou no microfone dos anúncios e imitou o mestre de cerimónias:

- Senhoras e senhores, meninos e meninas, vejam o fabuloso, o inolvidável, o incrível miúdo maravilha com a sua espantosa partenaire, no número que vos fará acreditar no impossível: A vida. No mundo. Normal.

Ela colocou uma perna sobre as dele, e disse, como se fosse um segredo, a fluir, morno, junto ao ouvido:

- És parvo.

- Muito. Vem comigo.

- Tenho um coração ternário. Não há nada que possa fazer.

Ricky colocou o microfone sobre onde estava guardado esse coração

tão particular e ligou os altifalantes, que chiaram até ela os desligar. Depois, encostou a cabeça ao peito dela, e ficou a ouvir o batimento 1-2-3, 1-2-3, 1-2-3, a marcar os tempos daquela valsa de passos impossíveis. Não se lembrou mais dos chocolates. Nessa noite, a rede falhou.

A banda tocava a marcha do Homem Bala, no tom desafinado conseguido com muitos anos de prática e de esforço. Não era realmente uma banda, mas um velho com um saxofone a precisar de palhetas novas e a filha, que chutava no bombo a intervalos descompassados, vagamente relacionados com as batidas na tarola e no prato de choque. O resto da orquestra era um leitor de fita, que rodava com a mesma hesitação dos músicos.

O ombro dele latejava. O fato parecia mais apertado e algumas das estrelas cosidas ao longo das mangas tinham as pontas soltas. Foi o que sobrou de um antigo número com motas, que terminou no solo seco da pista. O dono anterior deixara para trás as estrelas e as luzes do circo, para fazer cavalinhos em cadeira de rodas até se lançar de uma ponte abaixo, meses mais tarde. A história era essa, mas nunca se sabe o que acontece na vida depois do circo. O capacete destoava do conjunto, com uns relâmpagos de lado, riscados da areia. Ricky Relâmpago ainda soava pior que Trovão.

- Estás a pensar fazer isto hoje?

O mestre de cerimónias e patrão do circo estava junto ao canhão, à espera de resposta. Tinha um traje colorido, de Palhaço Rico, que também já tinha visto melhores dias e dava pancadinhas na perna com o microfone desligado. A banda, em fundo, tocava a mesma melodia oscilante e repetitiva, sem distrair as pessoas nas bancadas, que se levantavam para ver o que se passava. Do outro lado da pista, o trapezista sorria como se estivesse ainda no topo da tenda, com o braço em volta da cintura dela. O homem bala pensou em deixá-los a todos naquele instante, entregues à música hipnótica, à ilusão decadente e a um canhão prestes a disparar. Ela ainda tremia. Fora do trapézio parecia mais frágil, a máscara de confiança tinha desaparecido. Há pessoas que não sabem viver no chão.

Ele saiu da sombra e subiu para cima do canhão, exposto ao gáudio crescente da assistência. O mestre de cerimónias recomeçava a sua ladainha:

- Senhoras e senhores...

Saber controlar o tempo é o segredo de qualquer espectáculo. E

quanto mais curta a actuação, maior terá que ser a antecipação.

-...depois do acidente que quase lhe tirou a vida, eis que desafia a sorte...

Grande parte do trabalho era criar a ideia de que o seu feito estava apenas destinado a pessoas com uma tèmpera especial, com feixes de aço em vez de nervos, tendões e ossos que se partiam. Fazia aquilo porque não tinha jeito para palhaço e, no circo, quem não sabe fazer rir tem de fazer o público temer e tremer. Mesmo que tema e tremam.

-...num acto de coragem, o único homem bala ainda em actividade no nosso país, que vai voar hoje, só para vocês...

Todas as luzes apontavam para ele, no alto do canhão. Revirou a mão num cumprimento e tinha o público a seus pés, que o aplaudia e incentivava a fazer o que nenhum deles conseguiria. Ao fundo, a trapezista tapava a cara com as mãos, presa ao abraço do parceiro. O homem-bala apontou para o caminho a ser percorrido, e deslizou para dentro da boca negra que o iria cuspir daí a pouco.

-...Rickyyyyyyyyyyy Trovããããããooooooooooooo!

Um rufo de tarola enchia o invólucro de lona daquele pequeno universo, prestes a ser rasgado pela figura minúscula de um homem vestido de cabedal e capacete ridículo.

No seu canhão só havia espaço para um. Dentro do ventre do engenho, podia parar de fingir. O sítio onde se sentia mais seguro era no interior de um canhão que, mesmo não sendo um que disparava fogo e morte mas homens para divertimento geral, era um artefacto violento. A mancha púrpura que se tinha formado ao longo das costelas já não doía. Era apenas uma reacção à superfície, com nada partido lá dentro, porque não havia mais nada para partir. A bola de angústia também tinha desaparecido. Era um homem vazio, destinado a uma última viagem inútil.

A tarola forjava nas malhas partidas um suspense para além do recomendado. Esperou pela paragem seca, que anunciava o disparo. O êmbolo soltou-se, e lançou-o para fora do cano.

O seu corpo iniciou a trajectória através da poeira e da luz como um bólido, a rasgar o ar carregado de estática. O tempo era um objecto curvo, uma bola de sabão que distorcia a realidade nos reflexos da sua superfície frágil, em volta de nada. Com o ângulo e velocidade certas, poderia viajar entre a dimensão da superfície colorida do tempo, e o espaço interior que limita, sem rebentar a película que os segura. O público era uma mancha amarela de caras riscadas de dentes brancos nas bocas abertas em espanto, a desalinhar-se em

paralaxe nas margens da trajectória.

A meio do arco, mergulhou para fazer a inversão de aterragem. A rede absorveu a cinética do voo num lamento de cordas. O público suspirou em conjunto, como se tivesse sido dos pulmões deles que o ar fugira com o impacto.

Ainda era de noite quando colocou no lugar do pendura as poucas coisas que tinha, o inventário que sobrava das roupas de circo: nada de casacos com estrelas ou capacetes com relâmpagos. As luzes das caravanas estavam apagadas. As feras dormiam, pacíficas, nas suas jaulas. A carrinha pegou ao fim de três tentativas, que reverberaram metálicas no seu corpo dorido, num batimento cansado e irregular. Nenhuma luz se acendeu na aldeia do circo, e arrancou, a estrear sulcos na lama.

O sangue pisado que lhe pintava o tronco do ombro às costas de púrpura e azul escuro solidificava-se à medida que se afastava da grande tenda. O maxilar da dor não enterrava os dentes com tanta força como antes, mas estava lá, a mastigá-lo de cada vez que respirava.

Começou a berrar e a bater no volante com as duas mãos, num acesso de adrenalina que não explodira no seu último voo, para se libertar da rigidez do sangue. A carrinha oscilava em pequenas flutuações na sua rota a cada pancada. Queria dizer tudo o que não disse mas sem voltar para trás. Queria dizer aos filhos do malabarista para fugirem enquanto pudessem, queria abrir as jaulas dos leões e dos tigres para que buscassem alimento como criaturas selvagens. Queria acabar com o sorriso plástico do trapezista disparando-o do canhão na vertical, sem trapézio onde se agarrar. Queria que ela tivesse o coração partido em três pedaços e que aquela música acabasse. Queria que ela passasse a vida incerta da segurança das mãos do outro. Queria dizer que estava farto de passar a voar pela vida dos outros. Queria que gritassem o seu nome verdadeiro. Queria gritar o seu nome verdadeiro, em palavras que não coubessem num cartaz e ligou o microfone. Uma nota aguda correu dos altifalantes para o ar frio da manhã.

Acelerou, para ficar mais longe, mais depressa, livre. Mas, quando quis meter a quarta, a mudança não entrou. E tudo o que ele tinha pensado dizer afogou-se nas rotações forçadas do velho motor.

## **índice**

introdução	2
jorge rocha	3
a passagem do homem bala	4
alex gamela	5
o homem bala	6